

UMA INVESTIGAÇÃO A PARTIR DA ESCRITA DE MEMORIAIS DE FORMAÇÃO EM UM BLOG VISANDO A COMPREENSÃO ACERCA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA PARA A INCLUSÃO

Fernanda Malinosky C. da Rosa – Ivete Maria Baraldi
malinosky20@hotmail.com – ivete.baraldi@fc.unesp.br
PPGEM – UNESP/ Rio Claro, Brasil.

Tema: Formación y Actualización del Profesorado

Modalidad: CB

Nivel educativo: Formación y actualización docente

Palavras-chave: Educação Matemática. Educação Inclusiva. Narrativas (auto)biográficas.

Resumo

Apresenta-se uma investigação que foi realizada com o objetivo de elaborar um entendimento acerca da formação dos professores de matemática no Estado do Rio de Janeiro, abrangendo a sua construção histórica, social e política, apontando as suas propagações e suas limitações, no que diz respeito à preparação de licenciandos e docentes para a educação inclusiva de deficientes visuais. Nesta pesquisa, os colaboradores foram convidados a escrever narrativas (auto)biográficas, os memoriais de formação, em um blog criado exclusivamente para este fim. No blog, os colaboradores recebiam frases disparadoras objetivando estimular relatos sobre a formação inicial e continuada, a profissão e a inclusão cada dia mais presente nas escolas. Após dissertar sobre as cinco frases, os relatos foram reunidos, na ordem em que foram colocados no blog, e constituíram o memorial de formação do participante. Cada um revisou e legitimou seu memorial com uma carta de cessão. A partir dessas narrativas, é possível refletir não só sobre a formação em licenciatura matemática visando à educação inclusiva, às experiências, às práticas, entre outras, como também sobre o uso de memoriais como fonte histórica e a escrita nos blogs, sua dinamicidade e linguagem.

Um pouco da pesquisa...

Apresentamos uma pesquisa de mestrado em sua fase final que visa entender a formação de professores, em nosso caso os de matemática, para atender as demandas da educação inclusiva. Para fazer esta investigação, escolhemos utilizar narrativas (auto)biográficas, denominadas aqui de memoriais de formação, escritas em um blog restrito aos colaboradores da pesquisa.

A escolha por utilizar os memoriais de formação se deu pelas possibilidades de compreensões que eles permitem elaborar, tais como: quais são os diferentes aspectos da formação docente e os acontecimentos relacionados à experiência profissional e, até mesmo, à vida onde o autor é ao mesmo tempo escritor/ narrador/ personagem da história. Os pesquisadores Prado e Soligo defendem que a produção de textos escritos

favorece o pensamento reflexivo, o que é uma ferramenta valiosa na formação. Para eles, o memorial de formação é um gênero textual privilegiado “para que os educadores – enfrentando o desafio de assumir a palavra e tornar públicas as suas opiniões, as suas inquietações, as suas experiências e as suas memórias – escrevam sobre o processo de formação e a prática profissional.” (Prado & Soligo, 2007, p. 46). Ainda:

Sendo o memorial de formação, já se tem aí ao mesmo tempo uma explicação e um fator limitante: o conteúdo, em linhas gerais, é nossa formação e, mais, nossas experiências e partes da história de vida que se relacionam em essas duas dimensões. Mesmo que se opte por um texto mais livre, ainda assim estará referenciado no fato de que se trata de um memorial que é de formação. (Prado & Soligo, 2007, p.46).

Os educadores que assumem o compromisso da escrita declaram que um pouco de sonho e de utopia “sempre pode se tornar realidade quando os problemas são encarados e, ao invés de nos paralisarem, mobilizam a ação, alimentam a reflexão, dão sentido ao movimento de ação-reflexão-ação”. (Prado, Ferreira & Fernandes, 2011, p.146).

Nessa perspectiva, a escrita deste tipo de narrativa é explorada em um movimento de investigação-formação, uma abordagem (auto)biográfica, que focaliza o processo de conhecimento e de formação que se articula ao exercício da tomada de consciência, por parte do sujeito, das aprendizagens ao longo da vida, as quais são expressas pela metarreflexão do ato de narrar sobre si mesmo. (Nakayama, Fiorentini & Barbosa, 2010)

Assim, a abordagem (auto)biográfica das trajetórias de escolarização e formação, dos memoriais de formação, inscreve-se em uma abordagem epistemológica e metodológica, por compreendê-la como processo (auto)formativo, através das experiências dos atores em formação e por possibilitar a ampliação da compreensão do mundo escolar e de práticas culturais do cotidiano dos sujeitos em processo de formação. (Souza, 2006).

O memorial favorece a reflexão em relação às situações vividas pelos professores que possam ter marcado suas escolhas, seus questionamentos ao longo de sua trajetória, as influências sofridas de âmbito pessoal, social, econômico, político, educacional etc, que possam estar presentes na formação. Prado, Ferreira & Fernandes (2011) afirmam que a reflexão diz não só sobre o cotidiano, mas também aponta a necessidade de que políticas e programas dirigidos à escola, como o exemplo da inclusão de alunos com

deficiência que os autores trazem no texto, tenham eco nas vozes dos sujeitos que fazem a escola.

Cabe ressaltar que não entendemos o processo de formação do professor como um processo acabado, finalizado junto com a graduação ou cursos de capacitação, mas sim como um ciclo de aprendizagens cotidianas.

O uso do blog na pesquisa para a escrita do memorial se deu por este ser um espaço dinâmico que tem como base a escrita, mesmo havendo possibilidades de inclusão de recursos semióticos como imagens, músicas e vídeos. A difusão dos blogs trouxe à tona a escrita do dia a dia, mas isso não significou trazer a escrita denominada culta. Diante da velocidade imposta pelas comunicações pós-novas tecnologias, tornou-se natural o surgimento de uma reconfiguração da escrita ou, talvez, uma linguagem adaptada, que facilite a troca de mensagens, informações etc. Esta linguagem utilizada nos blogs é uma estratégia de oralização da escrita, cuja função é incorporar traços típicos da fala cotidiana a fim de garantir a dinamicidade e buscar, em alguns casos, expressar emoção ou afetividade na conversa/escrita teclada.

Com a intenção de interagir com seus pares, além da linguagem como em uma conversa informal, mais amigável, e textos mais curtos, alguns blogueiros também usam recursos nos *posts*¹ como: gírias, palavras em inglês, pronomes de primeira e de segunda pessoa, combinações de sinais tipográficos, abreviações, *emoticons*² com objetivo de representar o corpo “num espaço onde ele se textualiza, se metaforiza pela visibilidade da escritura; um espaço onde o corpo pode se dizer”. (Dias, 2004, p.122). Em geral, quanto mais jovem é o usuário, mais recursos são empregados.

A partir dos memoriais desse estudo, é possível perceber outro dispositivo para captar a oralidade. O gravador que é, comumente, utilizado nas pesquisas para este fim, nesta foi substituído por um dispositivo contemporâneo, o blog. No blog, há um tom mais “natural” da linguagem falada que, é transformada, quase sem perda, em uma linguagem escrita. Apesar da oralidade e da escrita terem suportes e características muito distintas, na comunicação pelo blog, essa distinção se dissolve até quase ficar imperceptível...

Cabe lembrar que esta pesquisa pretende contribuir em um projeto maior denominado *Mapeamento da formação e atuação de Professores de Matemática no Brasil* desenvolvido pelo Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM) que visa

¹ Pequenos relatos, opiniões ou pequenos comentários dos leitores aos textos publicados.

² Os *emoticons* são recursos semióticos com a função de representar o corpo do sujeito que escreve.

efetuar um mapeamento nas diversas regiões brasileiras sobre a formação de professores. Sobre o projeto, Garnica explica que:

Mapear – ou cartografar – a formação e a prática de professores de Matemática, portanto, é um projeto dinâmico que, se permite compreensões, por exemplo, por cotejamentos (sempre parciais) entre instâncias de formação, instituições formadoras, modos de atender ou subverter legislações etc, também permite que o leitor se perca, pois nunca o mapeado estará configurado de forma definitiva de modo a brandamente submeter-se aos cotejamentos que talvez seu leitor quisesse realizar.[...] Nosso mosaico pretende ser composto por infinitas peças e nunca será, portanto, um desenho terminado e completo: é um mosaico caleidoscópico e, porque caleidoscópico, dinâmico. [...] Nossa pretensão é desenhar mapas, compor mosaicos e formar coleções impossíveis mas que, em suas impossibilidades, permitem a criação de contornos – que ora se mantêm, ora se dissolvem, num movimento ora rápido, ora mais arrastado. Nosso registro pode ser – e frequentemente é – a captação disforme da fugacidade do que é múltiplo e diverso e se mostra como múltiplo e diverso, pois o mundo é eterna criação e eterna mutação, e nunca nada está pronto. (Garnica, 2013, p.38-40).

Conforme este mesmo pesquisador o pano de fundo dos projetos que sustentam o Mapeamento são as narrativas – que podem ser compostas de modos distintos. Nesse caso, exploramos a confecção de memoriais de formação.

Procedimentos metodológicos

Os professores de matemática colaboradores da pesquisa foram contactados, pois participaram, como alunos ou tutores, do curso *Braille online – Módulo Básico* oferecido pela Universidade Federal Fluminense (UFF)³. O curso foi realizado no primeiro semestre de 2011, na modalidade semipresencial via plataforma Moodle⁴ onde esteve disponibilizado o material (vídeos, textos, entre outros) para que os participantes pudessem cumprir as tarefas avaliativas de acordo com o cronograma fechado pela coordenação do curso. Cabe ressaltar que os participantes eram, em sua maioria, licenciandos da UFF e professores em exercício que buscavam um meio de aprender a lidar com os alunos cegos que estavam inseridos em suas salas de aula.

O convite aos professores colaboradores foi realizado por e-mail. Posteriormente, com os professores que aceitaram colaborar foi agendada uma reunião presencial na qual entreguei uma carta de apresentação, explicando sobre a pesquisa que seria realizada, o tutorial do blog e uma bibliografia sobre memoriais de formação, a fim de nortear o professor colaborador sobre o tema.

³ Localizada em Niterói/ RJ.

⁴ A plataforma Moodle (ver moodle.org), é um ambiente virtual de aprendizagem em regime de open source, criado em 2001 por Martinn Dougiamas, no âmbito do seu projeto de investigação de doutoramento. Esta plataforma é de fácil manuseio e tem um conjunto de funcionalidades como, por exemplo, disponibilização online de exercícios, vídeos explicativos etc, comunicação em tempo real por meio de chat, videoconferência ou por meio de fóruns onde não há sincronia, os participantes podem ler, refletir e depois responder [nota minha].

No que se refere à construção dos memoriais, foi criado um blog: www.narrativasdeprofessores.com.br/jcow, nosso diário virtual cuja finalidade não era só de manter o contato e direcionar os docentes colaboradores, mas também de compartilhar lembranças, ideias e dúvidas acerca do que estava sendo produzido. O blog foi utilizado nesta pesquisa por acreditarmos que ele seja um meio mais dinâmico de escrita e interação à distância. É importante lembrar que o blog foi traduzido do inglês para a língua portuguesa e é restrito aos professores participantes, ou seja, não é de acesso público na internet.

Após o encontro, cada professor foi cadastrado no blog com o próprio e-mail de correspondência, que é o *login*⁵, e foi dada uma senha única na qual os mesmos podiam modificar no primeiro acesso, conforme explicado no tutorial. Eles receberam, por e-mail, o primeiro dos cinco temas que eles deveriam abordar na escrita.

Nessa pesquisa, resolvemos estimular os docentes envolvidos com cinco frases disparadoras, na tentativa de que os mesmos abordassem temas sobre o início dos estudos, a graduação, a profissão, a capacitação e a inclusão, sem influenciá-los muito na escrita do memorial de formação.

Assim que o professor *postava* seu relato no blog, às vezes, havia a necessidade de fazer perguntas acerca de algo que não ficou muito claro para o leitor, em alguns casos, era uma sigla não explicada, ou pedíamos para desenvolver melhor algum tema. Alguns colaboradores que responderam as perguntas, por preferência, no corpo de sua narrativa (auto)biográfica. No entanto, a maioria respondeu nos comentários, mesmo sabendo que é limitado a 140 caracteres, como é o caso do exemplo a seguir.

Cabe lembrar que tudo o que foi relatado, bem como as perguntas feitas, estão gravados no blog e pode ser acessado a qualquer momento por pessoas cadastradas, mas os mesmos não podem ser alterados ou apagados.

Ao finalizar a escrita sobre os cinco temas e depois de todas as perguntas respondidas, todos os relatos foram copiados para um arquivo do Word, acrescentadas as respostas no corpo do texto, de forma a deixá-los harmônicos, mas sem alterá-los.

As narrativas, então criadas a partir da junção dos relatos, respostas e notas de rodapé, foram devolvidas para cada participante, por e-mail, para que fizessem suas considerações, acrescentando informações, por exemplo.

⁵ Termo utilizado na internet para referir-se a um tipo de credencial para acessar determinado sistema.

Aos docentes colaboradores foi solicitada uma carta de cessão de direitos para que os mesmos permitissem tornar os memoriais públicos.

Resultados Parciais da Pesquisa

Na pesquisa tivemos ao todo dez memoriais, sendo que seis são de pessoas licenciadas em matemática e quatro de licenciandos, dentre os quais dois estão em sala de aula. Após conversa, resolvemos incluir o memorial de formação da mestranda na análise por acreditarmos que ele trará contribuições quando analisarmos a inclusão dentro da Universidade, que será feita posteriormente. Como ele começou a ser escrito antes dos participantes e foi evoluindo conforme se constituía pesquisadora, entendemos que ele não foi influenciado pela a escrita dos demais participantes, nem a escrita deles foi influenciada pelo meu memorial, já que este foi postado no blog somente após o término da narrativa de todos os colaboradores.

Percebemos nas leituras de todos os memoriais que cada um traz uma característica da pessoa que o escreveu. Alguns falaram mais da família e quiseram colocar fotos para ilustrar alguns acontecimentos relatados, outros falaram só da parte profissional e acadêmica, foram mais reservados. Como os memoriais de formação foram escritos em um blog, alguns o encararam de modo informal e comumente conhecido por eles então nestes surgiu o que chamamos de *bloguês*⁶ que é uma estratégia de oralização da escrita, dá um tom “rotineiro” e “natural” cuja função é incorporar, na escrita, traços típicos da fala cotidiana a fim de garantir a dinamicidade e buscar, em alguns casos, expressar emoção ou afetividade na conversa/escrita teclada. Com isso, há um caráter dinâmico e instantâneo de interação.

A maioria dos participantes da pesquisa é de uma geração tecnológica na qual as coisas acontecem em uma velocidade muito rápida, de fazer mais coisas em menos tempo, onde o presente rapidamente vira passado. Essas pessoas são caracterizadas por viverem o que falam, viverem em um regime presentista, que Ruiz citando Lipovetsky chama de “reinado da urgência” (Ruiz, 2009, p. 94). A pesquisadora Denise Schittine afirma que: “Sofremos [...] de um excesso de velocidade de informações que nos faz sentir incapazes de absorver por muito tempo os acontecimentos. O tempo se comprime, vira

⁶ É uma estratégia de oralização da escrita, cuja função é incorporar, na escrita, traços típicos da fala cotidiana a fim de garantir a dinamicidade e buscar, em alguns casos, expressar emoção ou afetividade na conversa/escrita teclada.

uma sucessão de presentes acelerados que logo se transformam em passado.” (Schittine, 2004, p.123).

Na perspectiva da formação de professores para a educação inclusiva, observamos um movimento gradativo, mas ainda lento, na tentativa de se adequar as leis vigentes. Ao analisar as grades curriculares da licenciatura matemática de 1971 até os dias atuais de uma determinada Instituição em que a maioria dos participantes estudou (ou estudam), vemos a criação de uma disciplina obrigatória: LIBRAS e duas disciplinas que em suas ementas há um tópico sobre educação especial, no mais há disciplinas optativas e cursos na Faculdade de Educação que versam sobre o tema.

No entanto, segundo a pesquisadora Márcia Denise Pletsch, de maneira geral, as licenciaturas não estão preparadas para desempenhar a função de formar professores, em nível superior, com uma orientação inclusiva de atuação profissional. Isso é preocupante e, de certa forma, torna precário o ensino, visto que a inclusão bem ou mal já está ocorrendo.

Algumas universidades já estão incluindo em suas grades curriculares disciplinas voltadas para uma perspectiva inclusiva com vistas a suprir a carência da formação do professor capacitado, como a universidade em que a maioria de nossos colaboradores estudaram (ou estudam). Contudo, o pesquisador José Geraldo Bueno diz que:

Se não fizer parte integrante de uma política efetiva de diminuição do fracasso escolar e de uma educação inclusiva com qualidade, a inserção de uma disciplina ou a preocupação com conteúdos sobre crianças com necessidades educativas especiais pode redundar em práticas extremamente contrárias aos princípios e fundamentos da educação inclusiva: a distinção abstrata entre crianças que possuam condições para se inserir no ensino regular e as que não possuem, e a manutenção de uma escola que, através de suas práticas tem ratificado os processos de exclusão e de marginalização de amplas parcelas da população escolar brasileira. (Bueno, 1999, p. 18).

Percebemos, ainda, que o fato de se expor não foi fácil para os participantes, ainda mais se expor para o desconhecido e para um meio acadêmico. Pois, muitas vezes, é comum resistimos em expressar nossas emoções, nossas dúvidas, nossos pontos de vista e nossas críticas, não deixamos vir à tona nossas fragilidades. Embora o memorial fosse escrito em um blog e não exigisse um rigor, pode ter inibido o narrar de alguns acontecimentos ou ter trazido lembranças vividas que participantes preferiram esquecer. Prado e Soligo afirmam que: “Possivelmente, [o autor do relato] levantará o véu apenas da parte que, de si próprio, pretende que se saiba e que venha a ser lembrada.” (Prado & Soligo, 2007, p. 53)

Entendemos que a resistência à produção escrita não está somente na falta de tempo, como informam alguns, mas na dificuldade de expressar-se em um determinado modelo de escrita, de educação e de escola. Em um mundo que tem perdido a capacidade de

narrar, em que expressar-se pode parecer ameaçador, uma vez que por deixar marcas indica posições assumidas, a escrita, como manifestação e escolha pela liberdade talvez esteja mesmo impossibilitada aos seres deste tempo, também aos educadores. (Fernandes & Prado, 2010, p.4)

A partir dos relatos sobre as sensações durante e pós-memorial, acreditamos que o memorial de formação como instrumento de pesquisa possa favorecer a reflexão em relação às situações vividas que possam ter marcado suas escolhas, aos questionamentos ao longo de sua trajetória, às influências sofridas de âmbito pessoal, social, econômico, político, educacional, entre outras, que possam estar presentes na formação. Os memoriais, em questão, trazem os traços das memórias que poderiam e são instrumentos de formação, tornando-as fontes (históricas) para a realização desta pesquisa.

Referencias bibliográficas

- Bueno, J. (1999). Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e formação de professores: generalistas ou especialistas? *Revista Brasileira de Educação Especial*, 5, 7-25.
- Dias, C. (2004). *A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo hiv*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas.
- Fernandes, C., & Prado, G. (2010). Diários de Viagem: Pelos Trilhos da Escrita, uma possibilidade de reflexão sobre a Escola. *Linha Mestra (Associação de Leitura do Brasil)*, 17, 1-7.
- Garnica, A. (2013). Cartografias Contemporâneas: mapear a formação de professores de Matemática. *Alexandria Revista de Educação em Ciência e Tecnologia*, 6(1), 35-60.
- Nakayama, B., Fiorentini, D., & Barbosa, J. (2010). O potencial heurístico e autoformativo das biografias educativas para os formadores de professores de matemática. *Ci. Huma. e Soc. em Rev.*, 32(2), 103-115.
- Pletsch, M. (2005). *O ensino itinerante como suporte para educação inclusiva em escolas da rede municipal de educação do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Prado, G., & Soligo, R. (2007). Memorial de Formação: quando as memórias narram a história de formação. In: G. Prado, & R. Soligo, *Porque escrever é fazer história: revelações, subversões e superações* (pp. 45-49). Campinas, SP: Alínea.
- Prado, G., Ferreira, C., & Fernandes, C. (2011). Narrativa Pedagógica e Memoriais de Formação: Escrita dos Profissionais da Educação? *Revista Teias*, 12(26), 143-153.
- Ruiz, E. (2009). Conversas tecladas por adolescentes e adultos: o discurso na hipermodernidade. *Estudos Linguísticos*, 38(3), 93-107.
- Schittine, D. (2004). *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Souza, E. (2006). A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. *Revista Educação em Questão*, 25(11), 22-39.